

Ambiente

# Em 1 ano, alta de desmate foi de 10% em porções menores da Mata Atlântica

*Em áreas de floresta madura, houve queda de 27%; governo diz que lançará plano de proteção ao bioma até outubro deste ano*

JULIANA DOMINGOS DE LIMA

O balanço do desmatamento na Mata Atlântica no último ano aponta em duas direções. Por um lado, o desmate caiu 27% (de 20.075 para 14.697 hectares) entre 2022 e 2023 nas áreas superiores a três hectares, consideradas de floresta madura, com maior biodiversidade. O desflorestamento no bioma, porém, cresceu cerca de 10% (de 74.556 para 81.356 hectares) nos fragmentos menores e menos consolidados ou que estão em áreas de transição e incrustados na Caatinga e no Cerrado. No total, foram mais de 200 campos de futebol desmatados por dia.

Os dados foram divulgados ontem na nova edição do *Atlas da Mata Atlântica*, monitoramento feito há 33 anos pela Fundação SOS Mata Atlântica em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). O diretor executivo do SOS Mata Atlântica, Luis Fernando Guedes Pinto, conecta os resultados nessas áreas com perfis distintos, principalmente em relação às

diferenças na aplicação da Lei 11.428/2006, que protege o bioma. “O aumento do desmatamento no Nordeste está nas regiões de expansão da fronteira agrícola, que está derrubando matas em velocidade até maior do que no ano passado. Isso indica que nessas regiões a Lei da Mata Atlântica não está sendo aplicada”, disse ao Estado.

Segundo ele, nessas áreas de fronteira ou de “ilhas” de Mata Atlântica em outros biomas, a lei muitas vezes é questionada por proprietários de terra e até por autoridades ambientais. Por isso, ele considera a queda do desmatamento na floresta madura uma notícia boa, mas com ressalvas. “É sinal de que a governança está funcionando e a Lei da Mata Atlântica está sendo respeitada nas áreas maiores. Mas sempre com a ressalva de que a gente não está satisfeito, que é para comemorar com cautela. Queríamos que o desmatamento fosse zero.”

Conforme o Atlas, só 0,9% das perdas se deu em áreas protegidas, como unidades de conservação, enquanto 73% foram em terras privadas. Hoje, os remanescentes da Mata Atlântica correspondem a apenas 24% da área da floresta Atlântica pré-colonização.

**MONITORAMENTO.** As informações divulgadas pela Funda-

## AVANÇO DO DESMATE

Entre 2022 e 2023 a Mata Atlântica perdeu 10% da vegetação

ÁREA DE MATA ATLÂNTICA PRÉ-COLONIZAÇÃO



ÁREAS REMANESCENTES HOJE, QUE CORRESPONDEM A 24% DA EXTENSÃO DO BIOMA NO PASSADO



FONTE: SOS MATA ATLÂNTICA / INFOGRÁFICO: ESTADO

ção SOS Mata Atlântica utilizam dois sistemas de monitoramento. O que consta no Atlas é realizado pelo Inpe por meio de imagens de satélite e diz respeito a um retrato anual dos grandes fragmentos florestais do bioma. Já o desmatamento das áreas menores, a

partir de 0,3 hectare, foi detectado pelo Sistema de Alertas de Desmatamento (SAD) Mata Atlântica. Trata-se de uma compilação de dados divulgados semanalmente na plataforma MapBiomas Alerta para detectar de forma ágil os focos de desmatamento e auxiliar no

trabalho dos órgãos de fiscalização.

“É um óculos muito mais potente, que mapeia também as florestas jovens e enxerga desmatamentos muito menores”, diz Guedes Pinto, da SOS Mata Atlântica. Para o diretor da organização, o combate ao desmatamento da Mata Atlântica depende da aplicação da lei que a protege nos 17 Estados em que está presente e do Código Florestal, principalmente no campo.

**PLANO DO GOVERNO.** Ao Estado, o secretário de Controle do Desmatamento do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA), André Lima, afirmou que o plano para a Mata Atlântica deve ser lançado entre setembro e outubro deste ano. De acordo com ele, Amazônia e Cerrado foram o foco principal nos primeiros dois anos de governo porque concentram 85% do desmatamento no País. “Já es-

## Balanço

Só 0,9% das perdas se deu em áreas protegidas do bioma, enquanto 73% foram em terras privadas

tamos articulando também medidas complementares e parcerias com os Estados. Certamente, vamos chamar esses Estados que estão tendo dificuldade de aplicação da Lei da Mata Atlântica, além de aumentar a fiscalização que já vem acontecendo por parte das ações do Ibama”, disse.

De 2006, a Lei da Mata Atlântica foi um divisor de águas para os índices de desmatamento do bioma, que tinha patamares ainda mais altos até a década de 1990 e 2000. Na visão de Guedes Pinto, a aplicação rigorosa da legislação pode servir de inspiração para a proteção de outros biomas do País e sua aplicação nos encravados, os trechos de mata inseridos no Cerrado ou na Caatinga, pode contribuir na conservação. ●

Espaço

# Estudo comprova pela 1ª vez teoria de Einstein sobre buracos negros

Um estudo da Universidade de Oxford comprovou, pela primeira vez, que Albert Einstein estava certo quando dizia que existe uma área próxima de um buraco negro em que já não é mais possível evitar cair dentro dele. A chamada região de mergulho fica ao redor dos buracos negros e, nela, a matéria para de rodá-los e é puxada para seu interior.

A pesquisa também obser-

vou que essa região exerce uma das forças gravitacionais mais fortes já identificadas na galáxia. As conclusões foram publicadas na revista científica *Monthly Notices of the Royal Astronomical Society* neste mês e fazem parte de uma investigação mais ampla da universidade sobre os objetos cósmicos.

O estudo recém-publicado foca em buracos negros menores e mais próximos da Terra.

Ele usou dados de raio X coletados pelos telescópios NuSTAR e NICER, da Agência Aeroespacial Americana (Nasa).

Ao contrário da teoria de Isaac Newton da gravidade, Einstein defendia que, ao chegar perto de um buraco negro, as partículas não conseguem mais orbitar em segurança em torno dele. Elas mergulham em direção ao seu centro em uma velocidade que se aproxima

da à luz. “Essa é a primeira visão de como o plasma, tirado da parte mais externa de uma estrela, tem a sua queda final no centro de um buraco negro, em um processo acontecendo em um sistema a dez anos-luz de distância”, afirma o pesquisador de Física da Universidade de Oxford que liderou o estudo, Andrew Mummery, em comunicado da instituição.

Ele ressalta que a teoria de Einstein já havia previsto a existência desse mergulho final. Mas o estudo demonstrou pela primeira vez esse processo. Astrofísicos têm tentado entender o que ocorre perto da superfície de um buraco negro. Para isso, estudam discos

de material orbitando ao redor desses objetos.

Os cientistas debatiam até mesmo se a região de mergulho seria detectável. Para

## Mergulho final

Ao se aproximar do buraco negro, partícula mergulha dentro dele em velocidade próxima à da luz

Mummery, o novo estudo representa um avanço ao permitir investigar essa área. O mergulho final das partículas, diz, mostra como a matéria responde à gravidade da forma mais forte possível. ● BARMANA RECH